

O linguajar, na fala e no corpo

ALEXANDRE RIBONDI

É provável que uma boa parcela das pessoas não tenha pensado sobre o assunto, mas o brasileiro é um bom exemplo do povo que usa o corpo para expressar suas idéias, ao lado das palavras. E é justamente esta estreita união entre palavra, corpo, erotismo e expressão poética que impulsiona o trabalho e as pesquisas do professor suíço Paul Zumthor, 72 anos, radicado no Canadá, que está no Brasil para uma série de cursos que passaram por Joao Pessoa, estão em Brasília, e que irão para Porto Alegre, São Paulo (a convite de seu amigo Haroldo de Campos) e Rio de Janeiro.

Na Universidade de Brasília, onde esteve estes últimos 15 dias, o professor Zumthor deu cursos de extensão de nomes, no mínimo, pomposos: "A Dialética da Oralidade e da Escritura no Texto Literário" e "Os Elementos da Performance e o Jogo do Corpo". Ele próprio ri levemente dos títulos: "São coisas mais ou menos açadêmicas, títulos como estes". Na verdade, o professor, que é especializado em Idade Média, prefere dar seguimento a suas idéias passando ao largo do açademicismo e mergulhando fundo na poesia.

"A verdadeira leitura de um texto poético, que dê prazer, compromete o corpo do leitor", explica Paul Zumthor. Ele segue em frente: "O que existe entre o texto e o leitor é uma relação erótica, mesmo que o erotismo esteja sublimado". E se o erotismo vem da mistura de corpo e espírito, o professor Zumthor cita, como exemplo de suas idéias, o poeta, compositor e cantor brasileiro Caetano Veloso, nome que ele admira. "Se considerarmos a poesia oral (que não é só folclórico) temos o caso de Caetano, que não fala sem comprometer seu corpo". Uma declaração assim acompanha, de resto, o que ele mesmo diz quando explica que "o corpo e as energias vitais saem plenamente no texto e o leitor reage a estas presenças".

Esta poesia oral que, no caso de Caetano Veloso, é transmitida através do



Paul Zumthor

canto, enfrenta seus problemas: "Um texto poético de Caetano é negado no momento em que é escrito. É como se, ao escrevê-lo, eu retirasse os elementos corporais manifestados. Portanto, quando ouvindo o texto se não revive-lo com o corpo". O professor Zumthor faz a afirmação possivelmente levado por sua experiência recente, na África Central: lá, entre os negros do continente, ele percebeu que é necessário valorizar a experiência auditiva. Ao ouvir os cantores, mesmo sem entender o que eles diziam com suas canções, sentia vontade de dançar.

Assim, parece não haver sombra de exagero na afirmação de que a literatura é fundamental para a humanidade. Se considerarmos o fato de que a linguagem surgiu, entre os povos primitivos, como parte do ritual e que as palavras só se tornaram meio de comunicação através de um processo de banalização, estas idéias do professor Zumthor tornam-se mais explícitas.

"Eis o fundo do meu pensamento: o texto poético tem tal qualidade que é feito para provocar o desejo, o desejo de uma presença, de um contato que é irrealizável na escrita, mas que é também irrealizável na vida, como todos os desejos".

Dito isto, pode-se apanhlar certos clichês que acompanham a poesia, como o de que "um poema nos faz esquecer a realidade" e ampliar esta idéia, até chegarmos à base do que procura o professor Paul Zumthor: "Na poesia, passamos da realidade para um estado de desejo".